



Interface - Comunicação, Saúde, Educação

ISSN: 1414-3283

intface@fmb.unesp.br

Universidade Estadual Paulista Júlio de  
Mesquita Filho  
Brasil

Freire de Araújo Lima, Elizabeth Maria

A produção e a recepção dos escritos de Qorpo-Santo: apontando transformações nas relações entre  
arte e loucura

Interface - Comunicação, Saúde, Educação, vol. 14, núm. 33, abril-junio, 2010, pp. 437-447

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180115834016>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# A produção e a recepção dos escritos de Qorpo-Santo:

apontando transformações nas relações entre arte e loucura\*

Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima<sup>1</sup>

## Introdução

A partir do século XVIII tornou-se comum, entre os artistas, a prática de desenhar pessoas encarceradas em asilos; alguns desses desenhos registram loucos desenhando ou traços e figuras nas paredes das celas (Barbosa, 1998). Essas imagens nos mostram que o interesse dos artistas pela loucura encontrou um movimento de seres que, em situações limites, buscaram criar um campo expressivo, inventar linguagens e mundos, construir uma saída.

Se artistas e criadores voltaram seu olhar e seu interesse para universos da loucura e se, ao mesmo tempo, pessoas que transitavam por esses universos estavam criando formas expressivas, algo se passava que ia além de um mero paralelismo entre as figuras do artista e do louco.

Uma nova experiência da linguagem e das coisas inscrevia, no seio da criação, um face a face entre poesia e loucura. Localizadas em direções opostas do espaço cultural, poesia e loucura estavam, ao mesmo tempo, muito próximas por sua simetria e pela situação limite que ocupavam na orla exterior da cultura. É como se, para esta cultura, criação e loucura ocupassem o lugar de uma exterioridade absoluta, porta-vozes de uma desmedida que põe em cheque a própria cultura (Foucault, 1985).

Dessa forma, a partir do século XIX, a loucura passa a estar associada ao que há de decisivo para o mundo moderno em toda obra, e também àquilo que toda obra comporta de mortífero e constrangedor. Enfim, Nietzsche, Artaud, Van Gogh, ao acolherem a loucura, deram-lhe uma expressão, um direito de cidadania, uma ascendência sobre o mundo ocidental e, ao mesmo tempo, instalaram-na numa “vizinhança necessária entre palavra e silêncio, obra e erosão, literatura e desmoronamento, experiência de desamparo e colapso do autor” (Pelbart, 2000, p.55). Através da loucura, obra e tempo se interrompem e se abre um vazio, provocando um dilaceramento onde o mundo é obrigado a interrogar-se.

No silêncio instalado em um tempo que se rompe podem surgir linhas que, escapando de qualquer linearidade histórica, produzem uma trajetória divergente. A noção de acontecimento em Foucault aponta para essa irrupção de uma singularidade única e aguda que esgarça o tecido da história instaurando outras temporalidades. O tempo vai sendo cortado e perde sua sequência lógica para

\* Elaborado com base em Lima (2003).

<sup>1</sup> Curso de Terapia Ocupacional, Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo. Rua Cipotânea, 51, Cidade Universitária. São Paulo, SP, Brasil. 05.360-160. beth.lima@usp.br

aparecer em movimentos que apontam para o futuro e para o passado em um mesmo ponto (Deleuze, 1991).

É um acontecimento desse tipo que encontramos em Qorpo-Santo, sua obra e sua trajetória, na segunda metade do século XIX, no Rio Grande do Sul. A trajetória de um criador que não foi, em seu tempo, tomado como artista. Um “homem precário”, na designação de Flávio Aguiar (1975, p.33), que conheceu o primeiro manicômio brasileiro, bem como a experiência do estigma, de carregar a tarja de louco e que, deste lugar, produziu uma obra que permaneceu por cem anos esquecida.

A trajetória da obra de Qorpo-Santo é exemplar para pensarmos como os parâmetros da crítica de arte, e da recepção em relação às obras produzidas num certo limiar do campo artístico, foram se deslocando no Brasil, no final do século XIX e ao longo do século XX. A recepção de seus escritos pela crítica especializada se transformou no decorrer de mais de um século. É toda uma relação entre arte, clínica, loucura, precariedade, inacabamento, que vai se configurando e se reconfigurando a cada momento em que Qorpo Santo fez aparições no universo cultural brasileiro.

Acompanharemos, neste artigo, a luta de Qorpo-Santo para inscrever seus escritos nos circuitos da cultura, publicá-los, enviá-los à posteridade, fazê-los viver para além de si mesmo e buscar seus interlocutores. Acompanharemos também a trajetória de sua produção, em seu inextrincável entrelaçamento entre vida e obra, entre força e precariedade. Os caminhos tortuosos que esta produção trilhou para chegar até o século XXI, seus aparecimentos e desaparecimentos.

### **Qorpo-Santo, a vida de um “homem precário”**

Ao nos aproximarmos da história de Qorpo-Santo temos a sensação de estarmos diante de uma ficção. São relatos que nos chegam a partir, sobretudo, de suas próprias palavras inscritas na obra. Alguns deles foram recolocados no circuito das trocas artísticas e culturais por escritores e críticos que redescobriram seus escritos, a partir da década de 1960.

No segundo volume de sua ‘Ensiqlopédia ou seis mezes de huma enfermidade’, José Joaquim de Campos Leão de Qorpo-Santo nos apresenta sua autobiografia (Qorpo-Santo, 1877, livro I)<sup>2</sup>. Conta que nasceu na Vila do Triunfo, em 1829. Aos 11 anos, após a morte do pai, veio para a capital da província estudar gramática e trabalhar. Nas décadas de 1850 e 1860, habilitou-se para o magistério público, lecionou, dirigiu escolas e fundou um colégio. Casou-se, foi eleito vereador da câmara municipal de Alegrete, nomeado subdelegado de polícia e recebeu o grau de Mestre.

Nesse mesmo período, Qorpo-Santo escreveu alguns textos para jornais, até que estes passaram a não publicar seus escritos. Publicou, então, seu próprio jornal, ‘A Justiça’, durante alguns meses. A partir de 1862, se dedicou também à construção de uma nova ortografia para a língua portuguesa. A reforma ortográfica que propunha destinava-se a simplificar a escrita e combater a desordem ortográfica vigente em sua época. Em 1868 publicou em seu jornal, ‘A Justiça’, um documento com regras do seu sistema ortográfico. E foi com este sistema que escreveu sua ‘Ensiqlopédia’.

Aos 35 anos, sofreu a primeira intervenção da justiça que solicitou um exame de sua sanidade mental. A partir daí houve um longo processo até sua interdição, quatro anos depois. Os detalhes deste processo, “os vai-vens originários de suposta loucura”, ele mesmo nos conta,

<sup>2</sup> Eudynir Fraga doou cópias dos originais de cinco dos nove volumes que compõem a ‘Ensiqlopédia’ de Qorpo Santo ao Instituto de Estudos Brasileiros na USP, entre eles o Livro VII, intitulado ‘A Saúde e a Justiça’, no qual está publicada toda a documentação referente ao seu processo de interdição e sua passagem pelo Hospício D. Pedro II. Segundo Fraga, chegaram até nós seis dos nove volumes da ‘Ensiqlopédia’ – os volumes I, II, IV, VII, VIII e IX -, somente o primeiro foi publicado na Imprensa Literária de Porto Alegre; o restante foi impresso em sua tipografia. A pesquisadora Denise Espírito Santo descobriu recentemente mais um dos três desaparecidos e ainda tem esperanças de completar o total.

tendo publicado, em seu Livro VII, documentos sobre sua interdição e os autos dos exames de sanidade mental realizados. (Qorpo-Santo, 1877, s/p)

Em 1968 foi enviado ao Rio de Janeiro pelo Juiz de Órfãos e Ausentes para ser examinado por especialistas da capital. Foi internado no Hospício D. Pedro II, onde recebeu uma avaliação médica que fazia referência ao diagnóstico de monomania em suas formas intermediárias. A avaliação concluía que o paciente apresentava um acréscimo de atividade cerebral e que lhe seria indicado que se afastasse temporariamente do lugar onde sofrera contrariedades. Qorpo-Santo ficou, então, por um período, recolhido na Casa de Saúde Doutor Eiras, no Rio de Janeiro.

A excitação mental de Qorpo-Santo, sua necessidade de tudo escrever, se adequava bem ao diagnóstico de monomania. A difícil detecção desta doença - segundo seus teóricos<sup>3</sup> -, exigia a observação das condutas ao longo do tempo, para que se pudessem verificar possíveis mudanças no caráter, nos costumes, nas inclinações e na moral, o que justificaria a internação.

Qorpo-Santo saiu desta internação com um novo relatório, que conclui por sua aptidão para gozar de seu livre-arbítrio. No entanto de volta a Porto Alegre, lhe foi solicitado que se submetesse a novo exame de sanidade. Desta vez, Qorpo-Santo se recusou a comparecer. Em virtude de seu não comparecimento, o juiz o interditou, declarando-o inapto para gerir sua pessoa e seus bens e nomeando para ele um tutor.

Independentemente da discussão diagnóstica que não nos interessa aqui, percebemos, nas idas e vindas ao Rio de Janeiro e nas tentativas dos poderes públicos para a internação de Qorpo-Santo, um embate entre um movimento visando o ocultamento e o controle do desatino e outro mais indulgente, deixando-o um pouco à deriva. Além disso, vemos que Qorpo-Santo representou, para a sociedade da época, o personagem psicossocial do louco. O tipo pitoresco e caricatural que encarnava algo que diz respeito ao desatino e que nos permite pensar a vizinhança entre uma forma de existência patologizada e aquela que cria um plano de composição para circunscrever o caos que a ronda.

### A obra: *Ensiqlopédia ou seis mezes de huma enfermidade*

É como exercício de construção desse plano de composição para circunscrever o caos que entendemos o movimento de Qorpo-Santo que, mesmo cercado de sarcasmo e descrédito, se entregou, durante o período em que se batia contra a psiquiatria e a patologização de seu modo de existência, a uma atividade literária febril.

Qorpo-Santo escreveu sua '*Ensiqlopédia ou seis mezes de huma enfermidade*', provavelmente durante a década de 1860. Em 1877 conseguiu autorização para abrir a Tipografia Qorpo-Santo e imprimir seus escritos, que não eram mais aceitos em outros jornais. O resultado são nove volumes de uma produção caudalosa e desconexa, feita de: versos, relatos, provérbios, reflexões sobre política, moral, ética jornalística, anúncios, bilhetes, confissões autobiográficas, comédias, projetos literários, interpretações dos Evangelhos. Enfim, fragmentos que, no seu conjunto, apresentam uma vastíssima visão de mundo. Trabalhando com coisas e situações banais, mas tratando-as de forma a perturbar qualquer ordem ou organização que pudesse estar presente, Qorpo-Santo desintegra o cotidiano e o torna estranho para nós.

No primeiro volume encontramos resumida sua proposta em '*Obras*' (Qorpo-Santo, 1877, p.12):

<sup>3</sup> Entre os psiquiatras brasileiros, o conceito de monomania foi amplamente utilizado. Para eles a monomania era "a forma de loucura que mais dificuldades oferece para ser diagnosticada, porquanto o médico não poderá demarcar precisamente os limites que separam esse estado do de razão [...] [os monomaniacos] passam anos e muitas vezes morrem, sem que se tenha ao menos suspeitado a existência de um tal desarranjo; ou passam geralmente por homens irritáveis e sensíveis em excesso, originais e singulares" (Albuquerque apud Machado et al., 1978, p.402).

Quatro volumes – fazer eu hei de  
Das varias produções minhas;  
Terceiro – cartas requerimento;  
Segundo – longos, curtos discursos;  
O primeiro será – poezias;  
Quarto – pessas theatraes, scenas!

Em contato com sua vertiginosa produção, vamos nos distanciando da imagem de uma existência solitária e empobrecida, marcada pelo sofrimento, para nos dirigirmos à visão de um homem em sua exploração de um mundo povoado de cores, sons, texturas, gestos, materialidade e significação.

Em 'Objectos de conversação' (Qorpo-Santo, 1877, p.19), lemos:

Fala-se com as flores,  
Fala-se com os fructos,  
Fala-se com as cores,  
Fala-se com os brutos!

-

Fala-se com a tinta,  
Fala-se com o papel,  
Fala-se com pinta,  
Fala-se com o pincel!

-

Fala-se com as vozes,  
Fala-se com os jestos,  
Fala-se com as nozes,  
Fala-se com os restos!

O jogo com a expressão “fala-se com” faz o sentido saltar de ‘fala-se através de’ (com as vozes, com os gestos, com o pincel) para ‘fala-se em direção a’ (às flores, aos brutos); de interlocutor a meio, o sentido vai e volta, salta e brinca.

Em relação à sua dramaturgia, não podemos deixar de marcar a forma como Qorpo-Santo lidava com os personagens: alguns mudam de nome durante o desenrolar das cenas sem qualquer motivo aparente, outros desaparecem durante o enredo, como se a própria noção de personagem e sua continuidade linear estivesse sendo posta à prova. Para Eudinyr Fraga, não existe, nessas peças, qualquer preocupação de coerência psicológica na construção de personagens, que “deambulam por espaços inexplicáveis, nos quais o tempo se torna, ele próprio uma ficção. [...] São indivíduos sempre à beira de um colapso existencial, tentando se afirmar no território movediço de uma organização social incompreensível e injusta” (Fraga, 2001, p.11).

Na peça ‘Hoje sou um, amanhã outro’, Qorpo-Santo explica essa sua concepção de mundo por meio de um personagem:

Que nossos corpos não são mais que os invólucros de espíritos, ora de uns ora de outros;  
que o que hoje é Rei como Vossa Mercê, ontem não passava de um criado, ou vassalo meu,  
mesmo porque senti em meu corpo o vosso espírito e convenci-me, por êsse fato, ser então eu o verdadeiro Rei, e vós o meu Ministro! [...] Que pelas observações filosóficas, êste fato é tão verídico, que milhares de vêzes vemos uma criança falar como um general; e êste como uma criança. (Qorpo-Santo, 1969, p.124)

Qorpo-Santo escreveu vários textos relatando essa experiência de ser outro. Em um de seus poemas, ‘O que eu sou’ (Qorpo-Santo, 1877, p.68), ele nos revela que sua própria consistência subjetiva estava colocada em questão, num movimento de devir que se atualizava na escrita:

Sou eu – homem!  
 Sou eu – bicho!  
 Sou eu – Leão!  
 Sou – tubarão!  
 -  
 Sou bispo!  
 Sou padre!  
 Sou frade!  
 Sou leão!  
 [...]  
 Sou príncipe!  
 Sou também rei!  
 Sou monarca  
 - Da minha grei!  
 -  
 Sou imperio,  
 E imperador!  
 Sou imperatriz!  
 Princeza, se – diz!

Sobre seu processo de criação, Qorpo-Santo também escrevia frequentemente. Entre as poesias que tratam da sua relação com aquilo que produz, trago uma, 'Produções' (Qorpo-Santo, 1877, p.69):

Bom ou mau – o que vedes ahi vai,  
 Do Campos Leão, ou d'alma sahe!  
 -  
 Ovelha; cabrito; tenho dito;  
 Feio, bonito – irá escripto!  
 -  
 Grande, pequeno; ervas ou feno;  
 Tenho dito; irá escripto!  
 -  
 Verso bemfeito; ruim, malfeito;  
 Tenho dito; irá escripto!  
 -  
 Pensares meus, eu tenho dito;  
 Sublime ou não irá escripto!  
 -  
 Verdades ou não, eu tenho dito;  
 O que descobri – irá escripto!  
 -  
 Produções minhas, eu tenho dito;  
 Goste-se ou não; irá escripto!

Há musicalidade e ritmo nessas poesias, uma sonoridade de fala. Sente-se também uma sensação de urgência que acompanha a escrita de Qorpo-Santo, como se fosse preciso escrever tudo logo, imprimir tudo antes que .....

Isso, somado à tentativa de aplicar sua reforma ortográfica à impressão dos textos realizada em sua tipografia, resultou na grafia que encontramos em seus textos originais. Qorpo-Santo pedia auxílio ao leitor, ou àqueles que porventura viessem a encenar suas peças de teatro, para a correção de possíveis erros: "As pessoas que quiserem levar à cena qualquer das Minhas Comédias – podem; bem como fazerem quaisquer ligeiras alterações, corrigir alguns erros e algumas faltas, quer de composição, quer de impressão, que a mim por numerosos estorvos foi impossível" (Qorpo-Santo, 2001, p.10).

O autor faz, assim, com o que o leitor participe da construção da obra, procedimento extremamente contemporâneo.

Há também algo que grita no conteúdo desses versos. Quanto é importante para Qorpo-Santo o ato da escrita: “Sublime ou não irá escripto!” (Qorpo-Santo, 1877, p.69). O que interessa não é a suposta qualidade do trabalho, mas o fato mesmo de escrever; o feio e o bonito estão presentes, e o que mais importa é a ajuda que a escrita pode oferecer para manter-se “numa altura digna” (Qorpo-Santo, 2000, p.216).

Mas, se foi à revelia de todos que Qorpo-Santo deu corpo a sua criação que jorrava, de forma incessante e excessiva, para além deste ato solitário da escrita e do valor inestimável que esta teve para ele, por possibilitar a manutenção de uma consistência, há um ambiente povoado de destinatários para quem a obra é enviada.

No esforço que empreendeu para editar sua obra, vemos o movimento de um homem que endereça ao futuro sua criação. “Que pensarão os vindouros do que penso, escrevo e faço?”, se pergunta Qorpo-Santo (apud Marques, 1993, p.17). Cercado de sarcasmo, descaso ou indiferença, Qorpo-Santo buscou, por meio de sua obra, seu público num “povo por vir” (Deleuze, 1997).

### A recepção da obra

Qorpo-Santo parecia ansiar por uma interlocução. Escrever era extremamente importante, mas publicar também, buscar seu público, partilhar sua criação. Quais seriam os interlocutores de sua obra e que relação estabeleceriam com ela?

No momento em que foi produzida, esta obra não teve praticamente nenhuma repercussão, o que podemos saber pelo descaso com que foram tratados os exemplares de sua ‘Enciclopédia’. Nenhuma repercussão no meio literário e artístico, mas também nenhuma repercussão nos meios psiquiátricos. Naquele tempo não havia ainda uma grade teórica que articulasse arte e clínica. Seus escritos e seu trabalho na tipografia não foram pensados, pelos médicos pelos quais passou, sob nenhuma ótica como atividade terapêutica.

Talvez só o próprio Qorpo-Santo tenha vislumbrado uma relação entre a produção de seus escritos, sua ‘enfermidade’ e a produção de uma certa saúde, já que designava sua ‘Enciclopédia’ como uma “panacéia para todos os males” (Qorpo-Santo apud Marques, 1993, p.13), e escreveu:

As minhas enfermidades trazem-me  
um tríplice melhoramento:  
mais saber, mais força, mais poder! (Qorpo-Santo, 2000, p.319)

### Qorpo Santo e o Modernismo

O modernismo brasileiro tomou às vanguardas europeias sua concepção de arte e sua lição estética essencial, a ruptura da linguagem como sistema, buscada por meio: da deformação, do desmascaramento da linguagem artística tradicional e dos procedimentos e da inclusão do popular, do grotesco, do cotidiano e do fluxo da consciência na obra. Todos esses programas estéticos tinham em comum a valorização da alteridade, do exterior, fosse o inconsciente, a infância, o selvagem (Lafetá, 2000).

A busca frequente de um diálogo com expressões plásticas dos loucos instaurou uma ressonância entre a arte moderna e a arte dos loucos que teria diversos desdobramentos.

Em algumas ocasiões, esta proximidade serviu para lançar um novo olhar para a produção que vinha dos manicômios. No entanto, os constantes trabalhos que tratavam as obras como sintomas e os artistas como doentes serviram aos críticos do modernismo para desqualificar a produção moderna por esta proximidade. Neste contexto, buscar ressonâncias entre os trabalhos dos modernistas e a produção de Qorpo-Santo interessou mais aos críticos do modernismo que aos próprios modernistas. Qorpo-Santo foi utilizado pela crítica de arte brasileira como recurso para depreciar obras modernas pelo seu suposto caráter mórbido e louco.



Em 1925, na primeira referência a Qorpo-Santo que se conhece, não contemporânea à produção de sua obra, um crítico fez o escritor gaúcho participar da polêmica que se instaurou no Brasil a partir da Semana de Arte Moderna de 1922. Em três artigos publicados naquele ano, Roque Callage afirmou seu repúdio às ideias modernistas e, para desqualificar os poetas modernos, reivindicou para Qorpo-Santo, em tom irônico, “a glória de ter sido o verdadeiro fundador da escola futurista no Brasil” (Callage apud Aguiar, 1975, p.29). Para fundamentar a afirmação, transcreveu versos de Qorpo-Santo e os comparou aos de Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Guilherme de Almeida. Após assinalar a correspondência entre os poetas, vendo na produção de todos eles desordem, falta de lógica, confusão mental, o crítico concluiu que o modernismo é fruto de uma “demência coletiva” e que seus poetas chegavam a ser mais malucos que Qorpo-Santo.

Em 1930, em uma entrevista de Múcio Teixeira, dada ao Globo do Rio de Janeiro, mais uma vez a obra do escritor gaúcho foi utilizada para desqualificar a poesia moderna, por meio da indicação de proximidades entre as duas produções. Múcio Teixeira lamentava que os poetas da nova geração seguissem os passos do maluco rio-grandense (Aguiar, 1975).

Mas se alguns críticos do modernismo conheciam a obra de Qorpo-Santo, os modernistas, eles mesmos, não se interessaram por pesquisar a produção do escritor gaúcho. O que poderia ter sido feito no bojo da proposta modernista de trabalhar a partir de “elementos desprezados da poesia nacional”. Oswald de Andrade designava de “Pau-Brasil à tendência mais rigorosamente esboçada nos últimos anos em aproveitar os elementos desprezados da poesia nacional. Poesia de exportação, dizia eu no meu manifesto de há dois anos. Oposta ao espírito e à forma de importação” (Andrade, 1990, p.22).

Como assinala Flávio Aguiar (1975), os poetas de 22, do Pau-Brasil e da Antropofagia, perderam a oportunidade de referirem-se a um precursor nacional.

O mais surpreendente é que, se retomamos as poesias de Qorpo-Santo, descobrimos, de fato, muitas ressonâncias com as propostas modernistas. Os passadistas tinham razão, mas seu argumento teria de ser colocado de cabeça para baixo. Não era a produção dos modernistas que não tinha valor, mas a obra de Qorpo-Santo que trazia traços de uma certa modernidade. Com efeito, a escrita automática, o verso livre, as colagens de fragmentos textuais heterogêneos, o humor, a simplificação, a adoção de uma linguagem altamente coloquial e a incorporação de elementos do cotidiano na prosa e na poesia, característicos da obra de Qorpo-Santo, são grandes armas do modernismo nos seus primeiros tempos, quando a sátira e a paródia invadiram os manifestos, as revistas e os discursos narrativos e poéticos.

Outras características que foram fontes de pesquisa e investigação poética de autores como Oswald de Andrade e Mário de Andrade, tais como o desnudamento dos procedimentos, e a atitude de autorreflexão contida na própria obra, também se fizeram presentes em Qorpo-Santo (2000), como quando discute rima e metrificação dos versos:

#### OBSERVAÇÃO 2<sup>a</sup>

Alguns versos convinha ter  
Igual número de sílabas;  
Muitíssimas vezes porém,  
Não pode isso acontecer!

Pois por causa d’harmonia,  
Mais alguns que os outros tem:  
Preferível é que assim seja;  
Mais prazer dá; mais convém!  
(Qorpo-Santo, 2000, p.60)

#### RIMAS

Não é por falta  
De rimas eu Ter,  
Que versos fazer  
Sem - elas - vêm-me!



Palavras não faltam  
Para eu rimar  
Todos que quero  
Versos escrever!  
(Qorpo-Santo, 2000, p.68)

Como Mário de Andrade<sup>4</sup>, Qorpo-Santo fazia uma diferenciação entre inspiração e composição, pois se sua escrita jorrava por uma compulsão de “tudo escrever”, havia também a presença do trabalho na construção de alguns de seus poemas. Descrevendo três diferentes procedimentos que utilizava em seu processo criativo, Qorpo-Santo chama a atenção, em meio à própria produção torrencial, para o esforço concreto, a materialidade, o trabalho de composição que envolve a atividade literária:

Versos maquinalmente,  
Alguns as penas farão;  
Muitos de inspiração  
Muitos mais – composição

Eu juro que sempre  
Assim acontece;  
Que o livro cresce  
De todos os modos!  
(Qorpo-Santo, 2000, p.68)

<sup>4</sup> Mário de Andrade dava ênfase ao caráter psicológico da criação literária, chamando sua poesia de “psicológica e subconsciente”, na qual há uma “substituição da ordem intelectual pela ordem subconsciente”. Mas o autor preocupava-se com os “perigos” que tal substituição implicaria e insistia que: “lirismo não é poesia. O poeta traduz em línguas conhecidas o eu profundo. [...] O poeta modernista usa mesmo o máximo de trabalho intelectual. [...] O poeta não fotografa o subconsciente. A inspiração é que é subconsciente, não a criação” (Andrade, 1960, p.243). Para o escritor é necessário: “o máximo de lirismo e máximo de crítica para adquirir o máximo de expressão” (Andrade, 1960, p.206).

## A recuperação de uma obra

Nos anos que se seguiram a estas críticas que associavam a produção de Qorpo-Santo à dos modernistas, seus escritos foram esquecidos e só voltaram a ser visitados na década de 1960.

E se há um momento emblemático para a recuperação desta obra, este momento foi a noite de 26 de agosto de 1966. Após um século durante o qual os escritos de Qorpo-Santo haviam permanecido enterrados em antigas bibliotecas ou guardados em coleções particulares como raridade, no início da década de 1960 esses escritos foram descobertos por um grupo de intelectuais, professores e alunos universitários de Porto Alegre. O interesse inicial voltou-se para as peças de teatro e, na noite de 26 de agosto de 1966, três peças do escritor estrearam em Porto Alegre. A montagem foi muito bem recebida pelo público, e a temporada, inicialmente prevista para cinco dias, foi estendida, com platéias sempre lotadas.

No ano seguinte, Décio Pignatari, em passagem por Porto Alegre, travou contato com o grupo que havia realizado essa montagem e conheceu o texto das três peças encenadas. Sua impressão foi a de que o teatro de Qorpo-Santo era um teatro de costumes que havia sofrido uma “desregulação de registro”, configurando um antiteatro que, se lembrava Ionesco, tinha parentescos também com Artaud (Pignatari, 1971, p.120).

Em fevereiro de 1968, a dramaturgia de Qorpo-Santo estreava no Rio de Janeiro com as peças ‘Mateus e Mateusa’ e ‘Eu sou vida; eu não sou morte’, colocando cariocas em contato com a obra de um autor que Yan Michalsky (1968) considerou verdadeiramente sensacional. Este crítico, que estava presente na estreia, escreveu sobre a montagem no Jornal do Brasil, chamando a atenção para a precocidade, o modernismo, a ousadia de Qorpo-Santo.

Em maio do mesmo ano, ‘As relações naturais’ estreou no Rio de Janeiro, atraindo muita atenção e provocando um debate acalorado. Luis Carlos Maciel

(1968), o diretor desta montagem, publicou um texto no jornal Correio da Manhã, no qual afirmava que Qorpo-Santo, como dramaturgo, não lidava com personagens, mas com forças em conflito e que via, em sua dramaturgia, a dissolução de todas as categorias dramáticas tradicionais: a estrutura dramática se desintegrava numa série de cenas desarticuladas; os personagens perdiam a coerência psicológica; a trama não tinha rumo ou objetivo; as situações eram dispersas, imprecisas; a forma dramática era substituída, como no teatro do absurdo, por uma nova forma teatral composta de imagens dispersas aparentemente interligadas, sem que houvesse qualquer mediação dramática na mise-en-forme de seu teatro.

Em 1969, Guilhermino César organizou a primeira publicação das peças de Qorpo-Santo. Em 2000, suas poesias inéditas foram reunidas por Denise Espírito Santo e, em 2001, tivemos a publicação do Teatro Completo de Qorpo Santo por Eudynir Fraga.

## Conclusão

Em sua singularidade, a obra de Qorpo-Santo aponta para o futuro e para o passado e vem conectar-se à nossa contemporaneidade, instalando-se como um acontecimento sutil na dramaturgia brasileira. Como afirma Décio Pignatari, a obra do autor gaúcho, tal como as de Sousândrade e Kilkerry, emergiu do passado para tonificar “a anêmica corrente sanguínea de nossa literatura dramática e poética” (Pignatari, 1971, p.120).

Ao acompanharmos a trajetória desta obra no campo artístico brasileiro, vemos que este passou a comportar, a partir da década de 1960, um tipo de experiência-limite, propondo e preparando uma relação cultural com aquilo que a própria cultura rejeita.

Cem anos foram precisos para que fosse engendrada uma sensibilidade com a qual esta obra pudesse conversar. Uma sensibilidade que se perturba, mas é extremamente atraída pela despreocupação, presente na ‘Ensiqlopèdia’, de hierarquizar temáticas; pela forma rizomática de construção dessa obra, cuja avalanche de textos e ideias não tem nenhuma estrutura linear que possa ajudar o leitor a, nela, navegar. Qualquer ponto pode conectar-se a qualquer outro indefinidamente, e cada uma dessas conexões ilumina de forma diferente cada pequeno trecho.

Uma sensibilidade que ressoa com a premência e a urgência com que esses textos foram produzidos, alguns deles até perdidos pelo descompasso entre a acelerada criação mental e o ritmo mais lento do trabalho com a matéria da escrita.

Uma sensibilidade que é tomada pela expressão de precariedade do tempo e do espaço, pelo retrato caótico de nossa existência que ali se encontra.

Uma sensibilidade que está totalmente implicada na tensão entre ter que ser um e sentir-se muitos, e no dilaceramento de uma subjetividade hesitante entre a vertigem da queda e a recuperação de si própria.

Uma sensibilidade que dialoga e interfere nos textos através da porta deixada aberta pelo próprio autor ao solicitar do leitor que os complete, corrija, re-invente.

Podemos vislumbrar, também, a partir da produção de Qorpo-Santo, o efeito do ato criador sobre a vida de pessoas que experimentam estados clínicos. Este efeito diz respeito ao plano de composição que é possível criar, a consistência que é possível ganhar por meio da manipulação de uma matéria de expressão; os agenciamentos que são produzidos a partir daí.

Seu legado nos possibilita pensar as relações que se podem estabelecer entre a criação, a produção de uma certa saúde e a invenção de uma forma de enfrentamento da doença, da solidão, do isolamento. Pois, como diria nosso caro Qorpo-Santo (2000, p.216),

S’eforço e arte  
Ajudar me - póde  
Socorrer me - venham,  
E me - mantenham  
Na altura digna?

Nas discussões em relação ao tipo de teatro que Qorpo-Santo fazia ou de qual teatro teria sido precursor – se do teatro do absurdo ou do teatro surrealista - Flávio Aguiar (1975) recusa qualquer categoria, afirmando que Qorpo-Santo foi o precursor de si próprio. Ilumina, assim, o processo de criação de si que acompanha aquele da criação da obra. Uma obra e um si mesmo que testemunham uma precariedade a partir da qual é possível se fazer arte.

### Referências

- AGUIAR, F. **Os homens precários**. Porto Alegre: A Nação, IEL, 1975.
- ANDRADE, M. A escrava que não é Isaura. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Obra imatura**. São Paulo: Martins, 1960. p.201-75.
- ANDRADE, O. Pau-Brasil. In: BOAVENTURA, M.E. (Org.). **Os dentes do dragão: entrevistas/pesquisa**. São Paulo: Globo, Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo, 1990. p.22-33.
- BARBOSA, A.M. Apresentação. In: FERRAZ, M.H.T. (Org.). **Arte e loucura: limites do imprevisível**. São Paulo: Lemos Editorial, 1998. p.10-7.
- DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- FRAGA, E. Apresentação. In: QORPO-SANTO, J.J.C.L. (Org.). **Teatro completo**. São Paulo: Iluminuras, 2001. p.9-21.
- \_\_\_\_\_. **Qorpo-Santo: surrealismo ou absurdo?** São Paulo: Perspectiva, 1988.
- LAFETÁ, J. L. **1930, a crítica e o modernismo**. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2000.
- LIMA, E.M.F.A. **Das obras aos procedimentos: ressonâncias entre os campos da Terapia Ocupacional e das Artes**, 2003. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2003.
- MACHADO, R. et. al. **Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- MACIEL, L.C. O caso Qorpo-Santo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 26 maio 1968.
- MARQUES, M.V.A. **Escritos sobre um Qorpo**. São Paulo: Annablume, 1993.
- MICHALSKI, Y. O sensacional Qorpo-Santo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 08 fev. 1968.
- PELBART, P.P. **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Fapesp/Iluminuras, 2000.
- PIGNATARI, D. **Contracomunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- QORPO-SANTO, J.J.C.L. **Teatro completo**. Apresentação e organização: Eudinyr Fraga. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Poemas**. Organização: Denise Espírito Santo. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- \_\_\_\_\_. **As relações naturais e outras comédias**. Fixação do texto, estudo crítico e notas por Guilhermino César. Porto Alegre: Edição FF-UFRS, 1969.
- \_\_\_\_\_. **Ensiqlopèdia ou seis mezes de huma enfermidade**. Porto Alegre: Tipografia Qorpo-Santo, 1877. (mimeogr.)

José Joaquim de Campos Leão de Qorpo-Santo escreveu e imprimiu sua *Ensiqlopédia* ou *Seis mezes de huma enfermidade* entre as décadas de 1860 e 1870 e foi redescoberto nos anos sessenta do século XX. A recepção de seus escritos nos meios artísticos e intelectuais e a crítica a eles dedicada se transformou no decorrer de mais de um século. A cada vez que Qorpo-Santo fez aparições no universo cultural brasileiro, podemos perceber novas configurações nas relações entre arte, clínica, loucura, precariedade, inacabamento. Acompanharemos neste artigo a luta de Qorpo-Santo para inscrever sua criação nos circuitos da cultura, publicá-la, enviá-la à posteridade e buscar seus interlocutores, bem como a trajetória de sua obra, do momento de sua produção até chegar ao seu destino, o leitor.

*Palavras-chave:* Arte. Loucura. Saúde mental. Processo criativo. Terapia ocupacional.

#### **Production and reception of Qorpo-Santo's writings: indicating changes in the relationships between art and madness**

José Joaquim de Campos Leão de Qorpo-Santo wrote and printed his *Ensiqlopédia* or *Seis mezes de huma enfermidade* (*Encyclopedia* or *Six months of a disease*) between the 1860s and 1870s and was rediscovered in the 1960s. The reception of his writings in artistic and intellectual circles and the critique they received was transformed over the course of more than a century. Every time that Qorpo-Santo makes an appearance in Brazil's cultural world, new configurations of the relationships between art, clinical practice, madness, precariousness and incompleteness can be perceived. In this paper, we follow Qorpo-Santo's struggle to inscribe his creation in cultural circles, have it published, leave it for posterity and seek interlocutors; and finally, the trajectory of his work from the time when it was produced to the time when it reached its destination, the reader.

*Keywords:* Art. Madness. Mental health. Creative process. Occupational therapy.

#### **La producción y la recepción en los escritos de Qorpo-Santo: apuntando transformaciones de las relaciones entre arte y locura**

José Joaquim de Campos Leão de Qorpo-Santo escribió e imprimió su *Ensiqlopédia* o *Seis mezes de huma enfermidade* entre las décadas de 1860 y 1870 y fue re-descubierto en los años 60 del siglo 20. La receptividad de sus escritos en los medios artísticos e intelectuales y la crítica a ellos dedicada se transformó en el transcurso de más de un siglo. Cada vez que Qorpo-Santo aparece en el universo cultural brasileño, podemos percibir nuevas configuraciones en las relaciones entre arte, clínica, locura, precariedad, condición inacabable. Acompañaremos en este artículo la lucha de Qorpo-Santo para inscribir su creación en los circuitos de la cultura, publicarla, destinarla a la posteridad y buscar sus interlocutores; así como la trayectoria de su obra desde el momento de su producción hasta llegar a su destino, el lector.

*Palabras clave:* Arte. Locura. Salud mental. Proceso creativo. Terapia ocupacional.